

# **TURISMO DE EXPERIÊNCIA: UMA MODALIDADE DE TURISMO ALTERNATIVO E OPORTUNIDADE PARA ÁREAS RURAIS**

**Meylin Alvarado Sánchez<sup>1</sup>**  
**Lilliam Quirós Arias<sup>2</sup>**  
**Samira Jalet Quesada<sup>3</sup>**

## Resumo

O principal objetivo deste artigo é apresentar uma discussão teórico-conceitual sobre as principais definições do Turismo de Experiência como uma nova modalidade de turismo, desenvolvida principalmente no meio rural. Diante do exposto, divide-se em cinco seções, partindo de suas principais definições, para depois refletir sobre sua adaptabilidade em relação a outros tipos de turismo. Como terceiro eixo de discussão, apresenta-se uma discussão a respeito de sua aplicabilidade ao caso da Costa Rica. Como quarto ponto, este aponta a relação entre turismo rural e Turismo de Experiência. Antes das considerações finais, o texto apresenta uma reflexão sobre os rumos do turismo, isso em relação à pandemia provocada pela Covid-19.

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Professora da Universidade Nacional de Costa Rica - UNA. E-mail: [malvara@una.cr](mailto:malvara@una.cr). Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2182664513243544>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Professora da Universidade Nacional de Costa Rica - UNA. E-mail: [lilliam.quirós.arias@una.cr](mailto:lilliam.quirós.arias@una.cr). Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7325464310552355>.

<sup>3</sup> Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Auxiliar de pesquisa na Escola de Geografia da UNA. E-mail: [jaletquesada@gmail.com](mailto:jaletquesada@gmail.com). Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7295584466693327>.

## Introdução

O turismo como atividade econômica, que necessita de se manter no tempo e no espaço, viu-se obrigado a reorientar-se ou adaptar-se às novas exigências da procura actual, conduzindo ao surgimento de diversos tipos de turismo, entre os quais o Turismo de Experiência como nova modalidade que aposta no posicionamento de espaços ou destinos turísticos.

Compreender por Turismo de Experiência aquelas atividades turísticas experienciais, que promovem os modos de vida locais, integrando elementos culturais e naturais (ALVARADO, 2020); valorizar integralmente o património territorial, sendo percebido de forma especial pelo visitante como valor e atração turística e pelos agentes locais como fator de qualidade de vida, desenvolvimento e identidade territorial (RIBERA, 2013, p. 200); tornar-se um componente fundamental da imagem turística ou marca de um destino.

Nesse sentido, este texto faz referência às principais definições do Turismo de Experiência como uma nova modalidade ou alternativa turística no meio rural e ao caminho a seguir para esse tipo de turismo face à nova realidade proporcionada pela Pandemia de Covid-19.

## Turismo de Experiência - Principais definições

A Organização Mundial do Turismo (OMT) (2021, *online*, tradução própria)<sup>4</sup> classifica os tipos de turismo em várias definições operacionais: “turismo cultural, turismo de negócios (relacionado com a indústria de reuniões), ecoturismo, turismo gastronómico, turismo rural, turismo costeiro, marítimo e águas interiores, turismo de aventura, turismo urbano ou urbano, turismo de saúde, turismo de montanha, turismo de bem-estar, turismo educacional, turismo médico e turismo desportivo”. Como pode ser visto na lista anterior, Turismo de Experiência ou Turismo Experiencial, como um tipo de turismo alternativo, não está explicitamente contemplado nas definições utilizadas pela OMT.

O exposto deve-se ao fato de esse tipo de turismo ser de criação recente e, como conceito, está recentemente incorporado na valorização turística e no turismo experiencial, visto que uma experiência vivida por quem o pratica pode ser realizada em todos os tipos

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284420858>.

de turismo definidos pela OMT, dependendo da intencionalidade e das possibilidades de quem o pratica e o oferece.

A esse respeito, Carbalho e Trentin (2018) indicam que esse tipo de turismo se refere a uma forma diferente, por meio da qual o visitante se relaciona com as realidades que lhe são oferecidas no destino turístico, e para melhor compreendê-lo é necessário compreender o termo experiência e as diferentes formas linguísticas para se referir a ele. É derivado da palavra latim *experientia*, composta pelas palavras “ex” (fora), “peri” (limite) e “entia” (ação de conhecer), portanto, significa, literalmente, ato de aprender e conhecer além dos limites.

Por sua vez, o dicionário da Real Academia Espanhola (RAE, 2021 *online*<sup>5</sup>) também relaciona a experiência com a ação de aprender, conhecer e vivenciar pessoalmente, definindo-a como o conhecimento da vida adquirido pelas circunstâncias ou situações vividas por uma pessoa. Para Smith (2006), as experiências são consideradas a última progressão econômica. Considerando que os bens são tangíveis e os serviços são intangíveis, as experiências são memoráveis.

Referindo-se a esse tipo de experiência, Quinlan e Carmichael (2010) afirmam que se trata de um processo psicológico complicado, pois, embora haja poucas pesquisas que combinem as dimensões da experiência turística, utilizam *frameworks* baseados nas fases da experiência, as influências disso ou de seus resultados. As experiências também podem ser consideradas pessoais, reveladas ao longo de uma duração e, normalmente, envolvem múltiplas sensações.

Além disso, as experiências ocorrem por meio de conjuntos de dimensões: participação do cliente (variando de passiva a ativa), alcançando uma conexão ou relacionamento ambiental (variando de absorção a imersão) (SMITH, 2006, pp. 3-4). Esse mesmo autor destaca que o turismo experiencial é o oposto do turismo de massa, tradicionalmente focado em pacotes turísticos e férias com baixos níveis de intervenção pessoal.

Por isso, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2015) afirma que, para implementar o conceito de Turismo de Experiência, é necessário

---

<sup>5</sup>Disponível em: *Diccionario de la lengua española* | Edición del Tricentenario | RAE - ASALE.

entender o que é turismo tradicional ou turismo de massa. Para o efeito, é apresentada a seguinte tabela, pela qual é apresentada uma comparação entre as duas.

Tabela 1: Diferença entre turismo tradicional e turismo de experiência.

TURISMO TRADICIONAL	TURISMO DE EXPERIÊNCIA
Apresenta características funcionais	Tem como objetivo a experiência do consumidor
É orientado pelo produto e pela concorrência	Está orientado a oferecer experiências de forma abrangente e exclusiva
As decisões do consumidor são racionais	O turista é visto como um consumidor racional e emocional
As ferramentas utilizadas são quantitativas e verbais	As ferramentas são multidisciplinares e muito variadas

Fonte: SEBRAE, 2015.

O que foi dito acima indica que o turismo experiencial mostra mais do que descreve essa forma. O turismo passa por uma aprendizagem experiencial, gerando para o turista um importante significado, tanto com as pessoas que encontra, como com os locais que visita, incentivando-nos a participar de atividades que promovam a cultura e a natureza dos territórios visitados, uma experiência memorável para os visitantes e a comunidade local.

Isso coincide com a afirmação de González (2017), o qual afirma que o turismo alternativo experiencial deve ser considerado como uma espécie de atividade humana, como um processo de coexistência intercultural de crescimento, em que turistas e hospedeiros dialogam entre si, com o meio cultural e o território natural como destino turístico.

Para Rivera (2013), o destino turístico não é apenas um fato objetivo formado pela paisagem, a população anfitriã e os recursos turísticos, produtos e serviços oferecidos, mas é também um espaço vivido, percebido, sentido e valorizado de diferentes maneiras por visitantes dos mais diversos segmentos de demanda, de acordo com suas “histórias pessoais” e suas impressões, visões e sensações individuais e coletivas (RIVERA, 2013, p. 8).

O turismo de experiência tem se destacado nos inúmeros setores do turismo. Dos Santos e Moquete (2014) indicam que é motivado pelas tendências internacionais do

mercado cada vez mais competitivo, caracterizado pela formação de um produto que aborda a inovação do setor, objetivando na prática a construção de conceitos importantes que abordem o marketing “necessidades versus contemporaneidades” e utilizados como metodologias para promoção de novos produtos e serviços com marca diferenciada.

O Turismo Experiencial tem sido realizado em vários países, reavaliando a importância do território na sua definição e abrangência, dado o interesse de um grupo cada vez mais significativo de turistas em fazer da viagem não apenas um passeio, mas uma viagem de aprendizagem de vivências de estilos de vida, cultura, língua, afastando-se da concorrência do turismo de massa, aproximando-se do tradicional, do singular, o particular, o esquecido, onde emoções, sentimentos e ações tornam-se motivações para fazer passeios pelos territórios de turismo. Nesse contexto, o território como espaço de vivência recupera um valor fundamental para compreender, explicar e recriar o turismo experiencial.

Nas novas práticas de turismo, e referindo-se às travessias do território, Coccia (2019) aponta que se descobre uma paisagem esquecida, deixada de lado pelos percursos mais comuns, não atravessada pelas infraestruturas de via rápida ao longo das quais são habitualmente apreciadas paisagens, contaminadas pelas transformações mais recentes. (COCCIA, 2019, p. 208). Segundo o mesmo autor, as novas práticas turísticas exigem um conhecimento profundo do território para ler e interpretar as suas singularidades.

Segundo Rivera (2013, p. 211), “es una forma de turismo que conecta conceptualmente con otras modalidades turísticas asociadas como el etnoturismo o turismo étnico, el turismo cultural y vivencial en comunidades indígenas, el turismo comunitario, el agroecoturismo, el ecoturismo y el turismo rural responsable, entre otras”. Da mesma forma, deixa em aberta a possibilidade de relacioná-lo com outras formas de turismo em que o turista vivencie emoções, satisfações e forneça um conteúdo experiencial.

O turismo de experiência assume importância na excessiva homogeneização dos locais turísticos no contexto da globalização. Surgem novas possibilidades que enfocam e priorizam aspectos emocionais e subjetivos, para além dos elementos materiais. A perspectiva territorial do turismo passa a ser um elemento central, em que se busca o singular, o exclusivo, a identidade; que permite ao território contribuir para a geração de vantagens competitivas.

Segundo Rivera (2013), a lentidão e a adoção de ritmos mais lentos nas viagens e férias aparecem justamente como instrumentos capazes de favorecer a dimensão experiencial da viagem, surgindo, nesse sentido, o chamado turismo lento como uma forma de turismo de significativa dimensão recente, interesse tanto pela área empresarial e profissional do turismo quanto pela área acadêmica e científica, embora o estudo do assunto ainda seja incipiente. (Rivera, 2013, p. 203). Nessa visão de turismo, a experiência passa a ocupar um lugar central. Não é apenas diversificar e visitar lugares, mas aprofundar, viver, vivenciar suas características.

#### Turismo de Experiência e sua adaptabilidade a outros tipos de turismo

Existe uma forte ligação entre o turismo cultural e o turismo experiencial. Nesse sentido, Pareti et al (2018), apontam que o patrimônio cultural começou a implementar novas estratégias, devido à ampla proliferação do turismo urbano a nível internacional. Por isso, surge a necessidade de promover e compreender como bairros históricos. Quando estrategicamente intervencionados, podem vir a ser destinos de turismo experiencial e de lazer diferenciados, valorizando recursos e serviços que, por sua vez, melhoram a vida da população local, proporcionando maior competitividade e sustentabilidade econômica e social (PARETI et al, 2018, p. 97).

Referindo-se ao Turismo Experiencial e Criativo, Mazarrasa (2016), aponta que passa a ser uma virada do parafuso para o Turismo Cultural que se tornou um fenômeno de massa, globalizado. São visitas cada vez mais padronizadas, menos interessantes, que degradam a experiência da visita.

Portanto, o autor ressalta que é preciso buscar novas fórmulas, novos modos de viajar. Nesse sentido, Mazarrasa (2016) aponta que o Turismo Experiencial se refere, antes, àquelas atividades em que o viajante vive uma experiência como sujeito passivo, por exemplo, comparecer a uma vinícola e contemplar algumas das etapas da vinificação. Enquanto o Turismo Criativo proporciona a atividade do turista, ele é um sujeito ativo na experiência, ele se envolve, faz algo, cria algo, que lhe traz maior satisfação (MAZARRASA, 2016, p. 197).

Como se pode verificar na definição, o Turismo Experiencial coloca quem o vivencia como sujeito passivo, enquanto o Turismo Criativo o coloca como uma aposta

mais inovadora, e como parte do Turismo Cultural; em que o turista não apenas contempla, mas também participa e se sente parte da comunidade.

A grande variedade nas modalidades de turismo experiencial incorpora experiências como a documentada por Moral-Moral (2017), como Dark Tourism. A grande variedade de eventos ou acontecimentos que podem ocorrer com a morte, sofrimento ou infortúnio de pessoas determina um conjunto notável de recursos patrimoniais e culturais que podem ser explorados do ponto de vista turístico como geradores de experiências únicas e inesquecíveis para o visitante (MORAL-MORAL, 2017, p. 4).

Segundo a autora, esse não é um tipo de turismo novo. Historicamente, tem havido muito interesse em visitar locais relacionados com a morte, o horror, o sofrimento, a desgraça; espaços associados a guerras e desastres têm sido visitados e frequentados por turistas por diversos motivos.

Entre as modalidades que Moral-Moral (2017) identifica estão: turismo de guerra ou batalha, turismo de desastre, turismo de prisão, turismo de cemitério, turismo fantasma, turismo de holocausto, classificado como turismo negro e representando a possibilidade de vivenciar o turismo experiencial. No caso europeu, aponta que o turismo de guerra ou de batalha é um dos que mais tem tido sucesso e apresenta um maior grau de desenvolvimento.

Como turismo experiencial Moral-Moral (2017), ele aponta como reconstituições históricas de eventos de guerra estão contribuindo para o desenvolvimento do turismo experiencial autêntico. Permitem enriquecer a visita turística porque oferecem ao turista a fruição de experiências únicas e inesquecíveis ligadas aos acontecimentos históricos e bélicos (MORAL-MORAL, 2017. p. 6).

As modalidades de turismo experiencial são tão diversas. Araújo (2015) relaciona as séries de ficção como indutoras da vivência de experiências e da visita aos destinos turísticos a elas associados. Assim, o autor menciona que o setor audiovisual nas suas diversas modalidades (minisséries, sobretudo longas-metragens) está intimamente ligado à atividade de viajar, e as séries audiovisuais como componente de destaque da mesma proporcionam a oportunidade de descobrir e se deslocar para outros cenários e situações, em outras palavras, de observação de outras realidades (ARAÚJO, 2015, p. 962).

No caso do cinema, muitas pessoas viajam aos lugares porque os lugares que viram no filme os impressionaram. Eles emanam sensações, vínculos espectador-série, que

motivam a visita aos lugares, e esses destinos surgem como uma oportunidade para o turismo.

Segundo tal autor, na economia da experiência, no turismo experiencial, o turista passa a ser um amante das emoções, sensações e experiências, experiências únicas de forma individualizada são cada vez mais valorizadas pelos visitantes.

### O Turismo de Experiência para o caso da Costa Rica

Contextualizando essas definições para o caso da Costa Rica, deve-se destacar que esse novo tipo de turismo surgiu no país no final da primeira década dos anos 2000. Além disso, Alvarado (2020) indica que esse tipo de turismo supera o tradicional o turismo, sendo apresentado como forma de inovação na busca da permanência ou consolidação do país como destino turístico, conhecido como um modelo turístico denominado “Experiência e Bem-estar”.

Isso leva, segundo o mesmo autor, ao fortalecimento de campanhas promocionais voltadas ao turismo experiencial, promovendo modos de vida locais, integrando elementos da cultura e da natureza com a marca-país "Costa Rica Essencial", indicando que:

Costa Rica essencial” como a última aposta que o governo costarricense fez para se posicionar como destino em nível internacional, como uma iniciativa formal e planejada, evoluindo da marca anterior que, embora funcional, surgiu de forma improvisada (ALVARADO, 2020, p. 107, tradução própria).

A figura a seguir mostra a evolução do modelo de turismo da Costa Rica, a partir de quatro etapas, por meio das quais foi adaptando seu produto turístico de acordo com o potencial turístico e a demanda nacional e internacional. Alvarado (2020) explica cada uma dessas etapas, dizendo que a primeira delas foi baseada no turismo para ver, baseado nos recursos naturais. A segunda centrou-se num tipo de produtos turísticos que permitiam ao turista realizar diferentes atividades nos recursos naturais (turismo de aventura). A terceira foi promovida na sustentabilidade do turismo, que pretendia que os visitantes fizessem parte do produto por meio da participação. Na última e atual etapa, a questão da sustentabilidade, além de contemplar os recursos naturais, se integra aos modos de vida da sociedade local e de sua cultura, por meio do turismo para experimentar.

Figura 1:



Fonte: Instituto Costarricense de Turismo (ICT), 2015.

#### Turismo Rural: cenário de turismo experiencial

A diversidade de opções turísticas praticadas no meio rural coloca o turismo rural em destaque na modalidade de turismo experiencial como modalidade de turismo alternativo. O turismo rural caracteriza-se por contribuir para a componente de sustentabilidade nos espaços em que é praticado, por se desenvolver em pequena escala, por integrar comunidades locais e utilizar recursos endógenos. Assim, o turismo rural constitui uma possibilidade de transformar um produto turístico de relaxamento, recreio e contemplação num produto que integra a possibilidade de participar e vivenciar as várias atividades desenvolvidas no meio rural.

Essas formas alternativas de turismo vinculadas ao meio rural e, em particular, à produção agrícola, são consideradas como novos roteiros e possibilidades de dinamização da economia no meio rural, complementando a renda dos produtores, gerando empregos para as famílias, sendo que as atividades agrícolas vinculadas ao meio rural as áreas tornam-se elementos patrimoniais de interesse turístico. Ligados a essa modalidade e que estão relacionados com a experiência do visitante, podemos citar os passeios de café, cacau, pimenta, visitas a laticínios, fazendas agroecológicas.

Na Costa Rica, os passeios de café têm crescido nos últimos anos, cobertos pelo grande reconhecimento mundial do café que é produzido no país. Como turismo

alternativo, abre-se a visita a fazendas de café como opção para desenvolver experiências únicas, vinculadas à agricultura e às populações que dela vivem.

As atividades tradicionalmente ligadas ao campo, ao rural e tradicional, como o café, fazem parte de uma oferta turística que oferece a quem a pratica a oportunidade de conhecer a história, a cultura e a vida das localidades onde a cafeicultura marcou e deixou marcas nos territórios.

O café é uma atividade econômica constantemente ameaçada por crises recorrentes nos preços internacionais e grande pressão de mudanças no uso do solo, favorecendo aquelas de maior valor, como o imobiliário e a expansão urbana. Os pequenos produtores de café são postos em uma condição vulnerável.

Por isso, o turismo ligado ao café torna-se uma atividade econômica que resgata a história, a cultura e a economia local. Quirós e Mora (2020) destacam que a atividade turística ligada ao café tem a virtude de integrar recursos naturais e culturais próximos à fazenda, não sendo possível separar a atividade cafeeira, como núcleo de principal interesse econômico da fazenda, da atividade turística ligada a esse produto agrícola.

Além disso, elementos da paisagem geográfica, comunidades locais e populações nativas são integrados, como vulcões, praias, comunidades indígenas, áreas de preservação da natureza, estão relacionadas a esse tipo de turismo alternativo vinculado ao café (QUIRÓS; MORA, 2020, p. 162).

Por meio dos passeios do café, o visitante conhece os diversos processos de plantio, manutenção, colheita e comercialização do produto. Em alguns desses passeios, o turista pode vivenciar a coleta de café, ficar na fazenda, compartilhar com os coletores de café e todo o processo relacionado a ela. Para que a atividade seja sustentável e realmente motive essa experiência, deve ser realizada por quem pratica a atividade agrícola como forma de vida. A autenticidade da experiência e a motivação que pode causar naquele setor da população interessado em dar um feedback sobre a sua experiência cognitiva, a sua experiência particular e contribuição para as famílias e comunidades rurais depende do autêntico, do real, do experiencial.

Para aonde vai o Turismo Experiencial

Segundo Rivera (2015), a atenção à lentidão e qualidade da experiência turística passa a caracterizar o mercado de turismo rural, bem como a valorização da paisagem de forma integral, percebida de forma especial pelo visitante como um valor e uma atração turística e por agentes locais, cada vez mais, como fator de qualidade de vida, desenvolvimento e identidade territorial, pelo que esta representa uma componente fundamental da imagem de marca turística de um destino (RIVERA, 2015. p. 28).

Para González (2017), o sucesso da implementação do turismo experiencial requer, portanto, uma mudança de mentalidade dos atores responsáveis pela sua gestão, pois implica uma transformação radical do produto, uma abordagem diferenciada do serviço e uma nova dinâmica, entre os atores envolvidos e seus ambientes naturais e culturais (GONZÁLEZ, 2017, p. 5).

O turismo e o cenário que vive durante a pandemia, tanto para quem vive dessa atividade econômica, quanto para quem a pratica, devem ser necessariamente repensados. Segundo o secretário-geral da OMT, Zurab Pololikashvili (2021, online), “esta crise nos dá a oportunidade de repensar como deve ser o setor do turismo e sua contribuição para as pessoas e o planeta; a oportunidade de que, ao reconstruí-lo, o setor seja melhor, mais sustentável, inclusivo e resiliente, e que os benefícios do turismo sejam compartilhados de forma ampla e justa”.

No contexto da Covid-19, o turismo experiencial se manifesta como uma opção viável para descobrir, vivenciar, viver e sentir emoções além das visitas guiadas e que envolvem grandes grupos populacionais. A procura de espaços abertos, não congestionados e realizados em pequenos grupos, contribui para o reposicionamento de uma forma de turismo que visa a oferecer ao turista elementos subjetivos, relacionados com emoções e sentimentos particulares, para quem se interessa por temas específicos, poderia ser recompensado com experiências vivenciais autênticas na diversidade de modalidades de turismo praticadas atualmente.

### Considerações finais

No âmbito da construção teórico-conceitual e a partir dos resultados da aplicação prática da atividade turística em geral, identifica-se uma transição entre as modalidades

turísticas vinculadas especialmente à estrutura econômica. O turismo experiencial surge como uma modalidade alternativa de turismo, centrada na vivência e vivência da oferta turística dos espaços em que a atividade se realiza. Essa forma de fazer turismo tem um componente experiencial, que deixa uma pegada educacional e gera um processo de aprendizagem em relação à cultura local das comunidades e também sobre os recursos naturais de que dispõem.

O exposto esclarece o surgimento de novas demandas nas sociedades, pelo fato de nelas surgirem novas necessidades. Portanto, deve ficar claro que essa mudança de paradigmas não é produto de interesses meramente econômicos, mas sim reflete mudanças nos modos de vida das pessoas ao redor do mundo. Isso mostra uma mudança social que surgiu em poucas décadas.

Da mesma forma, essa mudança manifesta uma transformação a partir da opção por atividades de lazer e prazer, que permitem ao turista gerar conhecimentos e processos de aprendizagem significativos. Ou seja, o turismo que as pessoas decidem praticar deve ser constituído por atividades que envolvam um simbolismo em relação à identidade cultural das comunidades locais, bem como aos seus recursos naturais, e que permitam ao turista uma aproximação dos mesmos a partir de uma forma interativa e processo recíproco entre ambas as partes.

A revisão dos antecedentes sobre o turismo experiencial permitiu-nos aproximar o entendimento dessa nova modalidade turística. É evidente que existem sim pesquisas neste eixo temático, no entanto, é claro que a sua construção teórico-conceitual e a sua aplicação prática ainda estão emergentes, e isso requer uma maior investigação teórico-conceitual e uma maior análise dos resultados obtidos na prática e na vivência dos projetos turísticos desenvolvidos nesta modalidade.

Ressalta-se que, durante a revisão bibliográfica, constatou-se uma lacuna em relação às propostas de abordagem metodológica desse tema de pesquisa, a fim de continuar contribuindo para o desenvolvimento e geração de novas propostas sobre esta nova modalidade turística.

Por outro lado, é pertinente apontar que a relação vinculativa entre o património cultural e natural e o Turismo de Experiência é clara e, assim, considerando que sem uma

gestão adequada do patrimônio territorial, o Turismo de Experiência não poderia ser realizado como tal.

Da mesma forma, constata-se que o Turismo de Experiência é, em parte, enriquecido pelos diversos tipos de turismo instituído, razão pela qual não pode ser visto isoladamente destes, mas deve ser compreendido de forma abrangente, no sentido de que todos os outros tipos de turismo contribuíram para o Turismo de Experiência em construção de Turismo.

Por outras palavras, o Turismo de Experiência não surge do “nada”, mas sim, a concretização de cada tipo de turismo tem permitido identificar a necessidade de propor e traduzir um turismo mais centrado nas experiências das pessoas dos vários patrimônios que lhe são compensados pelas comunidades locais. Portanto, deve ser entendido como uma emergência entrelaçada com outros casos mais específicos de acordo com temas e interesses particulares.

Da mesma forma, deve-se notar que o território deve ser entendido para compreender a atividade turística. Por isso, vale a pena perguntar por que é importante conhecer o território para a atividade turística? Por que uma análise espacial do território é necessária para ajudar a definir o Turismo de Experiência? A isso, deve-se acrescentar que os recursos devem ser entendidos de uma perspectiva espacial e integral, a fim de compreender o que pode ser oferecido para concretizar quais são as potencialidades das comunidades locais.

Por fim, pode-se considerar que o Turismo de Experiência se refere a vivenciar, experimentar, aprender e encontrar um sentido para a cultura e a natureza e para o patrimônio que compõe as comunidades locais a partir da atividade turística e do “bem viver”.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVARADO, Meylin. **Análise Territorial do Turismo Rural no Sector Guanacaste Sul, Península de Nicoya, Costa Rica**: uma proposta de planejamento a partir das unidades turísticas territoriais. 2021. 271 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de

Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ARAÚJO VILA, Noelia. “De la economía de experiencias al turismo experiencial. Las series de ficción como creadoras de experiencias e inductoras a la visita de destinos turísticos. Pasos”. *Revista de Turismo y Patrimonio cultural*. Vol. 13, N. 4. Special Issue pp. 959-964. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2015.13.065>.

CARVALHO, Erly; TRENTIN, Fabia. “Turismo de Experiência: L ‘Arte Ceccato Vila Flores”. In: *Caderno Virtual de Turismo*, V. 18, N. 3, RJ, Brasil, 2018, pp. 178-192. Turismo de Experiência: L ‘Arte Ceccato Vila Flores | Silva | Caderno Virtual de Turismo (ufrj.br).

COCCIA, Luigi. *Turismo experiencial. Travesías por el territorio y valoración del patrimonio cultural*. Instituto de Turismo de España. Subdirección General de Conocimiento y Estudios Turísticos, Secretaría de Estado de Turismo. Estudios Turísticos, n.º 217-218 (1er y 2º S 2019), pp. 205-216.

DOS SANTOS, Idevaldo; MOQUETE, Sócrates. “Turismo de experiência, uma alternativa socioeconômico para Itacaré, Bahía”. In: *Caderno Virtual de Turismo*, Vol. 14, N. 2, Ago. 2014. pp. 117-132- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

GÓMEZ, Dustin, CARRANZA, Yeimmy, RAMOS. Camilo. “Ecoturismo, turismo experiencial y cultural. Una reflexión con estudiantes de Administración de Turismo”. *Revista TEMAS*, 3(11), 2017. pp. 229-236

GONZÁLEZ, Julio. “Actores del turismo experiencial alternativo. Un acercamiento a sus perfiles psicosociales”. *Regiones y Desarrollo Sustentable - Año XVII - N. 33 - 2017 - ISSN 1665-9511*.

ICT - Instituto Costarricense de Turismo. “Impulso al Crecimiento y Desarrollo Turístico en Costa Rica”. Ponencia preparada para el Informe Estado de la Nación 2015. San José: Programa Estado la Nación. 2015:

MAZARRASA, Karen. El turismo experiencial y creativo: el caso de Cantabria. *International Journal of Scientific Management Tourism*, 2016, Vol. 2, N. 3, pp. 195-203.

MORAL-MORAL, María. “El turismo de batallas: un turismo experiencial y sostenible”. *Revista Turydes: Turismo y Desarrollo*, 22. 2017. Disponible en: <http://www.eumed.net/rev/turydes/22/turismo-experiencial.html>.

PARETI, Stefania GARCÍA, Blanca SALVAJ, Erica. “Dinamización de los barrios históricos hacia destinos de turismo experiencial. Papel de las redes de colaboración en la estimulación del barrio de Las Letras en Madrid y barrio Italia en Santiago de Chile”. *POLÍGONOS, Revista de Geografía*, 2018, n.º 30.

QUINLAN CUTLER, S.; CARMICHAEL, B. “The dimensions of the tourist experience”. In M. Morgan, P. Lugosi & B. Ritchie (Eds) *The Tourism and Leisure Experience: Consumer and Managerial Perspectives*. 2010. pp. 3-26. Bristol: Channel View Publications.

QUIRÓS, L.; MORA, K. Fincas cafetaleras como recursos para el turismo de intereses especiales en Costa Rica. In: Arreglo territorial del turismo en América Latina: casos de México, Costa Rica y Paraguay, (Valente Vázquez Solís y Álvaro Sánchez Crispin coordinadores). Instituto de Geografía, Universidad Nacional Autónoma de México. 2020. pp. 135-163.

RAE- *Diccionario de la lengua española* | Edición del Tricentenario | RAE - ASALE. [WWW.Diccionario de la lengua española](http://www.diccionario.de.la.lengua.espaola) | Edición del Tricentenario | RAE - ASALE.

RIVERA MATEOS, M. (2013). “El turismo experiencial como forma de turismo responsable e intercultural”. In: Relaciones interculturales en la diversidad (Rodríguez, L. y Roldán, A.R., coord.). Córdoba: Universidad de Córdoba, Cátedra Intercultural, RIVERA MATEOS, M. (2013). pp. 199-217.

RIVERA MATEOS, M. (2015). “Turismo experiencial y gestión estratégica de recursos patrimoniales: un estudio exploratorio de percepción de productos turísticos en las Sierras Subbéticas cordobesas (Andalucía)”. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Vol. XIX, N. 511. 2015.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Turismo de Experiência*. Recife, Pernambuco, 2015. 52p. Disponível em: [www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo\\_de\\_experiencia.pdf](http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf).

SMITH, William L. *Experiential Tourism around the World and at Home: Definitions and Standards*. Emporia State University. International Journal of Services and Standards. 2006.

World Tourism Organization. *UNWTO Tourism Definitions*. Julio 2021. Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284420858>.

**Endereço de e-mail:**

<https://www.entornoturistico.com/definiciones-de-turismo-de-la-omt-pdf/>

## **Biografias**

### **Meylin Alvarado Sánchez**

Geógrafa, Licenciada em Educação Ambiental e Mestre em Desenvolvimento Comunitário Sustentável pela Universidade Nacional da Costa Rica (UNA), com especialização em Geografia e Turismo, pelo Centro Pan-Americano de Estudos Geográficos (CEPEIGE) do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), OEA em Quito, Equador. Avaliadora certificado do Certified Tourism Sustainability Standard (CST) do Instituto de Turismo da Costa Rica (ICT). Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.

Acadêmica da Escola de Ciências Geográficas (ECG) da UNA desde 2004, onde coordena projetos de pesquisa e extensão universitária, nas temáticas de Turismo Rural Comunitário e Sustentabilidade do Turismo, como parte da equipe do Programa de Estudos de Turismo Territorial (PETT). Possui publicações em revistas nacionais e internacionais sobre temas de Educação Ambiental, Turismo Sustentável, Turismo Rural Comunitário e Cartografia Participativa. Faz parte da Rede da Fundação Kellogg Fellows para a Liderança para a América Latina e o Caribe (KFLA).

### **Lilliam Quirós Arias**

Geógrafa, bacharel e licenciada pela Escola de Ciências Geográficas com concentração em Geografia Humana pela Universidade Nacional da Costa Rica, Mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Nacional, Escola de Agronomia. Doutoranda da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Centro de Tecnologia e Ciências - Instituto de Geografia Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEU UERJ. Desde 1990, exerce atividades de ensino e investigação na Escola de Ciências Geográficas da Universidade Nacional. Subdiretora da Faculdade de Ciências Geográficas de 2008-2013 e Diretora no período de novembro de 2013 a novembro de 2018.

É diretora e editora da Revista Geográfica da América Central desde 2008. Fez diversos cursos de especialização profissional e formação pedagógica, também como participação em conferências nacionais e internacionais, fóruns, workshops como orador. Possui publicações acadêmicas em colaboração com acadêmicos de outras universidades.

### **Samira Jalet Quesada**

Samira nasceu em San José, Costa Rica. Começou seu estudo universitário na carreira de Ciências Geográficas na Universidade Nacional da Costa Rica. Seu desenvolvimento nessa disciplina a levou a ter um grande interesse pela Geografia Cultural e, por isso, decidiu expandir sua formação acadêmica na carreira de Antropologia na Universidade da Costa Rica. A experiência na área permitiu-lhe construir seu projeto de pós-graduação de forma interdisciplinar integrando a pesquisa sobre Patrimônio Arqueológico e Turismo Rural Comunitário no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, Brasil, onde se formou como Mestre.